



PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Sociais
Departamento de Relações Internacionais

Matheus Lino Paixão

A construção do *Soft Power* chinês pela Diplomacia cultural: esporte, educação e a importância deste modo de fazer política na era Xi Jinping

Trabalho de Conclusão de Curso II

São Paulo

2022

Matheus Lino Paixão

A construção do *Soft Power* chinês pela Diplomacia cultural: esporte, educação e a importância para a era Xi Jinping

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito para obtenção de título de bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do Prof. Dr. Laerte Apolinário Júnior

São Paulo
2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, que fizeram o possível e impossível para que eu chegasse até aqui, e pudesse carregar este sonho, que também são de meus avôs e avós.

Aos meus amigos da vida e que me acompanham desde a infância. Vitória, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando e para me colocar no chão. Gustavo, que sempre que precisava descontraír ou esfriar a cabeça, estava de prontidão. João, por sempre me entender e me permitir compartilhar momentos incríveis.

Agradeço a PUC-SP por viabilizar e ser o local de um sonho. Por me abrigar durante quatro anos e sempre dar o suporte necessário. Por me permitir conhecer professores e colegas que levarei para toda vida.

Ao Prof. Dr. Laerte Apolinário Júnior, pela paciência, companhia e orientação durante todo este último ano.

Àqueles que fizeram parte da minha graduação, que foram essenciais no meu dia-dia, dentro e fora da Pontifícia. Especialmente, agradeço a Juliana, por ser meu porto seguro, minha força, motivação e apoio, sempre estando ao meu lado, e me permitindo estar ao seu, nos mais diversos momentos. À minha amiga Larissa, por desde o início da graduação me dar todo suporte necessário, academicamente e nos mais diversos assuntos, estando ao meu lado. À minha amiga Glenda, por ser quem eu pude olhar e me identificar dentro da universidade, me fazendo sentir acolhido e presente. E ao meu amigo Bruno, que foi a primeira pessoa que conheci dentro da PUC, no primeiro dia de aula, e compôs uma parceria sem precedentes.

Para todos que fizeram parte da minha jornada, para chegar até este momento, o meu mais sincero e profundo obrigado.

“Quando criança eu sonhava em crescer e ter tudo melhor dessa vida. Hoje sou um homem crescido, e a criança em mim ainda é viva. A vida é um filme de ação, de terror ou de tragédia. Eu só não posso ter um fim de comédia ou vice-versa. Vitorioso e não vice que versa.”

Bk' – Quadros (2017)

RESUMO

Com sua ascensão no século XXI, a China enxergou que, além do poderio econômico adquirido, seria necessário rearticular suas formas de fazer política. A abordagem mais branda perante o sistema internacional, a partir do *Soft Power*, se encaixava nas diretrizes para com o projeto de política externa formulado por Pequim. Todavia, diferente da versão ocidentalizada do termo cunhado por Joseph Nye, a China não queria se manter, mas sim, ascender aos holofotes do jogo de poderes. Para tal, incorpora aquilo que era a base do desenvolvimento da população chinesa: cultura e valores. Com isso, se estabelece o *Soft Power Cultural*, que passa a ser articulado por meio da diplomacia cultural. Este trabalho procura analisar e entender, a partir do desenvolvimento chinês no século XXI, como é entendida, construída e articulada a noção de *Soft Power* cultural. A pesquisa se organizou por meio de revisão de literatura do tema, análise de fontes primárias, discursos políticos e midiáticos. Ademais, utilizando os materiais elencados, é feita uma análise empírica de exemplos do uso da diplomacia cultural para benefício chinês. É analisado no âmbito da educação, o papel dos Institutos Confúcio para difundir a língua e cultura chinesa mar-afora. Já abordando à luz do esporte, vê-se o desenvolvimento do basquete na China, a partir das relações com a NBA, e o papel do atleta chinês Yao Ming.

Palavras-chave: *Soft Power*; Política Externa; China; Diplomacia Cultural; Imagem.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diretrizes do <i>Hanban</i> (Universidade de Valência)	27
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAUP	Associação Americana de Professores Universitários
BAI	Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura
CBA	<i>Chinese Basketball Association</i>
CBA <i>Company</i>	<i>Chinese Basketball Association Company</i>
EUA	Estados Unidos da América
FMI	Fundo Monetário Internacional
IC	Institutos Confúcio
NBA	<i>National Basketball Association</i>
NBD	Novo Banco de Desenvolvimento
OMT	Organização Mundial do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PCC	Partido Comunista Chinês
RPC	República Popular da China
CCTV	Televisão Central da China
UMD	Universidade de Maryland
URSS	União das Repúblicas Soviéticas Socialistas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. A ASCENSÃO INTERNACIONAL CHINESA.....	11
1.1. A reformulação chinesa no fim do século XX	11
1.2. Era Xi Jinping	12
1.3. O perigo do <i>Strategic Overstretch</i>	14
2. DO ENTENDIMENTO DO <i>SOFT POWER</i> PARA A CONSTRUÇÃO DA DIPLOMACIA CULTURAL	16
2.1. O papel da diplomacia cultural no governo Xi Jinping	19
3. EXEMPLOS DA DIPLOMACIA CULTURAL CHINESA E SUAS CARACTERÍSTICAS: O ESPORTE E A EDUCAÇÃO.....	22
3.1 O papel político do esporte	22
3.1.1 Exemplos da diplomacia cultural chinesa e suas características: o esporte e a educação	23
3.1.2 Atleta-político: a importância de Yao Ming para as relações sino- americanas	25
3.2 Instituto Confúcio	27
3.2.1 Organização dos institutos e seu papel no desenvolvimento da diplomacia cultural	29
3.2.3 Atritos e dificuldades dos ICs em solo estadunidense	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

O termo *Soft Power*, cunhado pelo acadêmico estadunidense Joseph Nye, tem por base explicar o como fazer política de forma a fugir de discursos mais duros e passíveis de conflito, mas procurando construir aliados por meio de uma fala que busca alcançar seus objetivos por um caminho mais diplomático. Para o autor, tal modo de se portar como ator articula ações que pendem para o lado da cooperação, conseguindo aquilo que se almeja sendo o mais ideal em um mundo contemporâneo. Todavia, dada sua nacionalidade, trajetória como cientista político e intelectual, os estudos de Nye contemplam as ideias e fazeres do mundo ocidental. A linha de raciocínio traçada pelo acadêmico acaba se encaixando mais em suas políticas e ideologias – ocidental e estadunidense – deixando de fora da equação final atores relevantes e importantes do sistema internacional. Em uma lógica de um Estados Unidos já pautado como poder hegemônico, o uso do *Soft Power* seria somente para se manter no topo. O caráter estrutural de fazer com que A influencie B se, e somente se, este obter lucros e resultados que acate com as demandas de A, e mudando seu pensamento e comportamento, já é um modelo válido de articulação para os estadunidenses (KIVIMAKI, 2014, p. 5).

Nye constrói sua linha de raciocínio a partir de um caráter bem mais estrutural do fazer política, do que nas relações sociais que os envolvem. Se a análise feita por um cientista político tiver o viés do *Soft Power* americanizado, é claro que a China falhou em construir sua política desta maneira. De acordo com Kivimaki, o *Soft Power* constituído por Nye e que é propagado por políticos americanos têm suas origens em um contexto de mundo bipolar. No embate contra a União das Repúblicas Soviéticas Socialistas (URSS), era mais que necessário para os Estados Unidos da América (EUA) a criação e/ou captação de aliados - ou somente atores que não estariam dispostos a ceder ao eixo comunista - ao redor do mundo. Seu expansionismo e sede em ser o “hegemon” pautou sua política externa desde o fim da Guerra Fria até a queda da URSS, dando os caminhos necessários para a construção do termo *Soft Power*. Todavia, ao falar da China, é possível enxergar um caráter de expansão de influência e embate com algum outro poder, na busca por uma hegemonia. Contudo, a diferença da China para os EUA era a de que o país do meio não era a maior potência do mundo no momento. Logo, tentar encaixar Pequim nos moldes do pensamento de Nye não basta para fazer uma análise e nem uma utilização válida deste modo de fazer política.

Going against this American mainstream interpretation seems challenging, especially since it has been supported with solid evidence by some of the leading experts on global politics and China's role therein. [...] China's soft-power focus is not directed at attracting other powers to the Chinese way of doing things or to the Chinese system. This contrasts with the policy of the United States during the Cold War, when it sought

*to convince the world of the virtues of liberal democracy and capitalism and the vices of totalitarian communism. China's foreign policy does not seek to persuade other countries of the benefits or superiority of the Chinese system and to adopt them in their own domestic affairs, as the United States attempted to do.*¹

Quando se parte para o outro lado do globo, os acadêmicos chineses enfrentaram uma grande dificuldade para encaixar devidamente o *Soft Power* nos meios de fazer política do Partido Comunista Chinês (PCC). Buscasse então entender o conceito em seu cerne e articulá-lo ao seu favor, por um caminho que faça sentido para estes. Diferente dos estadunidenses, a preocupação chinesa era de como iriam exercer influência de forma positiva, procurando atingir suas metas e mudando o pensamento da contraparte do acordo, se ainda não havia uma imagem absoluta no sistema internacional como os Estados Unidos possuíam.

Dado o papel importante dos valores socioculturais no modo de vida chinês, como o confucionismo e o socialismo (ZHANG, 2017, p. 18), via-se a necessidade de uma estratégia de política externa que, ao mesmo tempo que procurasse ações mais brandas na base da cooperação e cooptação, não fugisse e nem perdesse os ideais que são o alicerce da constituição de sua nação há séculos. Como maneira de articular o *Soft Power* de Nye com os ideias culturais chineses, o acadêmico chinês Guozuo Zhang articula o termo *Soft Power* cultural. Este conceito uniria as características necessárias para se fazer política em uma era globalizada e interligada, utilizando da diplomacia cultural como uma extensão dele.

Os objetivos desta pesquisa se baseiam em analisar como se deu o entendimento e construção do *Soft Power* Chinês, junto do seu desenvolvimento como nação a partir de 1990, para a execução de sua diplomacia cultural e a sua importância no governo Xi Jinping. Ademais, acadêmicos chineses debatem se há o risco de um cenário de *Strategic Overstretch* na gestão do atual presidente, mostrando ainda mais necessidade da inserção da diplomacia cultural como um dos carros-chefes da República Popular da China (RPC). Para realizar a pesquisa, serão elencados textos, artigos e livros (procurando dar prioridade para autores chineses) que estudam como foi a análise e desenvolvimento em suas medidas e qual a utilização do *Soft Power* - termo nascido e criado para o ocidente - em uma cultura totalmente diferente. Busca-se também entender os moldes do desenvolvimento chinês após a dissolução da URSS e o fim do regime bipolar e como se seguiu a partir dos anos 2000 com a ascensão econômica chinesa e mais afrente, a era Xi Jinping. Após a análise, será demonstrado o desenvolvimento do conceito de *Soft Power* cultural chinês e sua extensão para a diplomacia cultural. Em contrapartida, será abordado o que é uma das preocupações que permeia a academia e os políticos do Partido

¹ KIVIMAKI, Timo (2014) *Soft Power and Global Governance with Chinese Characteristics*. The Chinese Journal of International Politics, pp. 2

Comunista Chinês, o *Strategic Overstretch*, e quais são os seus perigos para a política externa chinesa. Por fim serão elencados, a partir de um processo empírico, casos em que esta forma de se fazer política se mostra vantajosa e com diversos frutos para colher. Para tal, será utilizado, no âmbito da educação, o papel dos Institutos Confúcio mar à fora, e no esporte, o desenvolvimento do basquete na China a partir do impacto da *National Basketball Assossiation* (NBA).

Em suma, este presente trabalho terá como intuito pesquisar como a China utiliza do *Soft Power* de Nye para construir seu próprio modo de fazer política, com o conceito do *Soft Power Cultural* e sua extensão para a política externa por meio da diplomacia cultural. Busca-se mostrar a necessidade de que, em um cenário de *Strategic Overstretch*, a reformulação nas maneiras de fazer política seja internamente, ou em novas abordagens no que tange sua política externa e relações com o sistema internacional, mostrando como a execução desta abordagem de fazer política é vantajosa para o governo chinês.

1. A ASCENSÃO INTERNACIONAL DA CHINA

1.1 A reformulação chinesa no fim do século XX

A ascensão da China como potência no Sistema Internacional não é algo considerado novo. Sendo uma nação milenar, onde fica difícil até de determinar suas origens, a China passou por altos e baixos durante toda a sua história, sendo uma nação que tem familiaridade em ser um ator importante, à nível regional ou global.

“A civilização chinesa se origina numa antiguidade tão remota que são baldados nossos esforços por descobrir seu início. Não há vestígios do estado de infância entre esse povo. Esse é um fato muito peculiar com respeito à China” (Evaristé Huc ,1855 apud Kissinger, 2011, pp 24).

Comentado [JMG1]: n tem vírgula antes desse numero?

O período entre os anos 60 e 90 foram de extrema importância para que a China se tornasse a forte economia que é hoje em dia. Na década de 1960, após a recuperação da sangria causada pela Segunda Guerra Mundial, países da Europa, junto do Japão, desenvolvem um regime eficiente na área da manufatura – mas que, futuramente, afetaria as políticas destes mesmo países (HUNG, 2017). Partindo para os anos 70, tem-se um movimento de terceirização dos processos manufatureiros para regiões do sudeste asiático, pois havia um menor custo de mão-de-obra, conseqüentemente aumentando o lucro dos países centrais na dinâmica internacional – Estados Unidos e os já mencionados Europa e Japão (HUNG, 2017). A China então, dado a este cenário de hemorragia do setor manufatureiro e a proliferação do regime neoliberal, de Ronald Reagan e Margaret Thatcher, começa a implementar reformas que desde 1978 procuravam reviver o empresariado rural. Todavia, acabam por ter que enfrentar diversas crises nos anos 1980 e 1990, com uma hiperinflação e déficit em sua balança de pagamentos. Foi então, a partir de 1990, que o Partido Comunista Chinês, adota um modelo de desenvolvimento para exportações que, com uma série de reformas e uma abrupta desvalorização do Yuan, visava a um declínio de suas regiões rurais para uma migração com destino a costa leste, onde estavam localizadas suas zonas de processamento de exportação

“Esse processo conectou firmemente a China à ordem global de livre comércio. A China, então, tornou-se um redemoinho que sugou empregos da manufatura de todo o mundo, tornando-se a “fábrica do mundo”, apesar de a maioria das fábricas

orientadas para exportação instaladas na China serem fortemente controladas e exploradas pelas corporações transnacionais sediadas no norte global”.²

Para Hung, tal processo foi totalmente efetivo para a economia chinesa, trazendo os países do norte global para dentro do território, com multinacionais obtendo lucro significativo, assim como uma melhor relação da China com os atores mais influentes do Sistema Internacional. O acúmulo das reservas chinesas durante os anos 2000 foi gigantesco, permitindo que, mesmo após o estouro da bolha de crédito imobiliário estadunidense em 2008, o país conseguisse retomar de maneira firme em 2009-10. Com um grande aporte de investimento estatal e empréstimos de seus bancos, foi possível que a China se mantivesse no jogo global mesmo com a Europa e os EUA ainda sentindo a crise. Situação esta que colocou o questionamento de que a China era realmente um *player global* no âmbito econômico, mesmo com os grandes danos e mudanças que ocorreram após a bolha.

1.2 A era Xi Jinping

Em março de 2013, o já secretário geral do Partido Comunista Chinês e presidente da Comissão Militar Central, Xi Jinping é eleito presidente da República Popular da China. Desde seus primeiros discursos, é visto como o novo presidente trazer à tona o “Sonho Chinês” (MOHANTY, 2013, p. 34). Sendo considerado um político de direcionamentos mais práticos e caráter visionário, o presidente sobe ao cargo com um discurso de olhar para dentro da China primeiro, cuidando de sua população, para depois se projetar para a política internacional. Jinping sempre enxergou a necessidade de entender os valores que moldaram sua nação para então, amparado por estes, pudesse se projetar internacionalmente. É possível ver já em seu discurso de posse a “Menção do sonho chinês nove vezes, e fazendo com que ‘compreender’ o sonho chinês seja o ponto central de seu regime” (MOHANTY, 2013, p. 35). Nas bases desta meta, além do já citado bem-estar de sua população, o presidente procura lutar contra a corrupção, promover debates mais democráticos, seguir com o crescimento econômico que o país tinha, assim como inserir por vez a China como ator importante no cenário internacional.

No que tange esta última questão como peça central do jogo de poder no Sistema Internacional, o chefe de estado estabelece suas estratégias de maneira clara e concisa para com as novas

² HUNG, Ho-fung (2018) A ascensão da China, a Ásia e o Sul Global Revista de Economia Contemporânea 22(1): p. 1-26

diretrizes do PCC sob seu comando - assim como sua própria ideologia (PEI, 2018). Para o Xi Jinping, a adaptação ao sistema neoliberal ocidental para “viver junto às outras nações” de acordo com a sua maneira de conduzir uma política externa, que buscava caminhar junto do ‘sonho chinês’ – e dos valores de sua nação – não faz parte de suas diretrizes. Vê-se a necessidade de se pautar de modo a não estar totalmente de acordo, mas de minar tal ordem vigente, colocando a hegemonia da República em prática, para com a região asiática e expandir sua influência mundialmente. Esta abordagem preocupou a comunidade chinesa, mas principalmente a internacional, que passaria a enxergar a China não como uma ameaça a nível militar - não nesta questão pelo menos - mas como uma ameaça aos poderes e hegemonias vigentes ao mundo, “*Beijing’s ambitions have set off alarms around the world and sparked spirited debates about how to respond to a China that has benefited greatly from the Western liberal order yet*”³. Por mais que os discursos de Xi Jinping se coloquem como mais “combativos”, a China se projetou em relação ao cenário internacional de maneira positiva a partir de uma mudança de projeto e de novas investidas econômicas. O foco na transição de um poder regional para um global se dá a partir da crise financeira de 2008, onde a China vê uma oportunidade, com todas as potências do ocidente expostas, de se pôr como um ator importante e não vulnerável no momento.

Também se colocando na parte do “fazer político”, observa-se o PCC como um ator importante no desenvolvimento e alargamento de missões de paz. É possível enxergar os políticos do país trazendo a pauta da governança global como necessária, colocando-se como ator importante, ganhando importância no Fundo Monetário Internacional (FMI), na Organização das Nações Unidas (ONU) e no Banco Mundial. Já sobre os projetos políticos diretamente na área econômica, de diligência chinesa, tem a sua disposição iniciativas financiadas pelo Banco Asiático de Desenvolvimento - principalmente no Sul Global - para auxílio ao desenvolvimento. Entre os projetos mais notáveis estão a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) - com estratégias mais ligadas ao BRICS - e o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (BAII). A partir destas estruturas nasceram a *Belt and Road Initiative* e a Nova Rota da Seda. Sendo investimentos de longo prazo, buscam integrar efetivamente a China com os demais países do mundo, não por criar uma dependências destas iniciativas, mas sim para criar laços cooperativos. “*Chinese foreign-assistance programs*

³ PEI, 2021 A Play for Global Leadership pp 17

heavily favor autocratic regimes, Beijing's recent efforts to expand its global economic footprint embody unabashedly grand geopolitical ambitions." (PEI, 2018, p. 41)

1.3 O perigo do *Strategic Overstretch*

Os discursos de Xi Jinping, por mais que possam ser relevados vide as iniciativas chinesas para desenvolvimento de outras nações, causam preocupação, para atores de dentro e de fora da China. Como exemplo prático, têm-se os problemas com toda a gestão Donald Trump ou sua relação com a União Europeia na questão do comércio, que enxerga a China como uma “ameaça” dado seu crescimento. Por meio desta maneira de se pôr e fazer política, a ambição da China acaba por preocupar as demais nações, principalmente os Estados Unidos (PI, WANG, 2018). O estreitamento de laços criados nos anos 1990 podem trazer consequências econômicas, culturais e ideológicas que Pequim ainda não sabe se poderá lidar ou não. Tal situação pode ser denominada de “*Strategic Overstretch*”, que é uma medida, de difícil cálculo, entre quanto vale a pena um ator manter um sistema baseado nos custos que ele traz para este. Quando o custo é muito alto, se chega nesta *overstretch*, que, em tradução literal, seria o esticamento dos limites possíveis de se manter o sistema vigente.

Em 2017, o Departamento de Segurança Estratégica dos Estados Unidos divulgou um relatório em que enxergava a China como um “poder revisionista que desafiava os valores e interesses estadunidenses”⁴. A academia chinesa também enxerga este debate como muito atual em suas discussões, e trazendo o mesmo como importante pois veem as abordagens do presidente chinês em certos momentos de sua política externa como exagerados, tentando bater de frente com certos atores - caso Trump em 2016 - ou se colocando demais em certas pautas para tentar fazer aliados estratégicos. Para muitos, a RPC deveria dar alguns passos para trás e trabalhar mais em políticas de cunho nacional, para então sair novamente do país, de maneira clara e efetiva. Ficar, de maneira forçada, tentando manter um status quo para seguir com as diretrizes do sonho chinês pode trazer um custo que o país não consiga arcar totalmente. Por outro lado, vê-se a iniciativa como correta e que, seguindo os passos trilhados desde 2012 - principalmente em um cenário pós-Trump e de aliança com Putin - é viável e traz um futuro próspero. A demanda é quase como uma faca de dois gumes para a China, dando muito certo, mantendo e até crescendo seu papel no Sistema Internacional, ou tendo que encarar uma

⁴ National Security Strategy of the United States of America, 2017

situação que se torne inevitável e completamente desvantajosa para o país, trazendo uma crise em todo seu sistema político e socioeconômico.

2. DO ENTENDIMENTO DO *SOFT POWER* PARA A CONSTRUÇÃO DA DIPLOMACIA CULTURAL

Para a China, o uso e entendimento do que é o *Soft Power* não vai de encontro com o que é definido por Joseph Nye em 2005. O termo cunhado pelo estadunidense estabelece o que é o *Soft Power* (em vias ocidentais) e como ele é utilizado pelas nações. A articulação de ações mais “brandas” para conseguir aquilo que se almeja é o que o autor destaca e valoriza, dizendo que é realmente a melhor via a se seguir, pois não se cria adversários. É possível articular a obra de Nye para entender a grande diferença que se tem entre o *Soft Power* ocidental - majoritariamente falando sobre EUA e Europa - e o que é executado em outros países com cultura diferente. O cientista político pauta seu discurso que uso dos meios de fazer política - ambições e vontades do Estado - tinham que ir para as áreas focando na capacidade de conseguir os resultados almejados pela utilização de meios cooptativos de estabelecimento de agenda, persuasão e atração de aliados. Nye elencou levemente a questão da cultura como papel o *Soft Power*, mas não era parte central de suas ideias. Quase que equacionando a ideia em um axioma matemático, Kivimaki levanta os argumentos de Joseph Nye e Robert A. Dahl, dizendo que:

*“A has power over B if, and only if, A can make B do something B would not do without A’s intervention [...] By defining agendas, A can make B do something. While A’s rewards and penalties (economic and military power) change B’s behavior by creating conditions that change B’s utility calculations [...] something that uses neither rewards nor penalties, but instead changes the preference calculus by having B adjust its preferences to the liking of A: ‘Soft power rests on the ability to shape the preferences of others’”*⁵

A mudança de cálculo, todavia, não representa a existência de ganhos ou perdas. Para Nye, o *Soft Power* não é um jogo de soma zero, positiva ou negativa; é somente um “ajuste de preferências” de B para com o que é desejado por A. O acadêmico americano entende que os fins do desenvolvimento do *Soft Power* seriam para manter e prolongar o poder e as influências estadunidenses, e assim pauta sua tese. Já para a China, o uso do *Soft Power* seria para sair de um estereótipo de um país agressivo e ríspido e projetar sua real imagem para os demais atores, como um aliado confiável seguro, mas mantendo seus valores e ideais culturais.

O início do século XXI foi o momento chave desta mudança de postura, “*China seems to be obsessed with image building in the twenty-first century. ‘National image,’ ‘public diplomacy,’ and ‘soft power’ have become buzzwords in China’s foreign policy*” (PU, XIAOYU

⁵ KIVIMAKI, 2017 apud Nye, ‘What China and Russia Don’t Get About Soft Power’; Robert A. Dahl, ‘The Concept of Power’, Behavioral Science, Vol. 2, No. 3 (1957), pp. 201–15

2016 PG. 34). O aumento do poderio econômico foi mais do que necessário para amparar e aumentar o poder e papel da China, porém não seria o suficiente para que a nação fosse respeitada e considerada como um polo importante. A articulação e criação de uma boa imagem perante as demais nações, com o intuito de alavancar novos projetos políticos e atrair aliados fora do seu escopo regional fazia parte do plano de expansão (PU, 2016). Porém, a abordagem também foi contestada pois nem a liderança interna e a sua população entravam em consenso sobre o papel da China no cenário mundial.

O *boom* econômico nos anos 2000, as Olimpíadas de Pequim de 2008 e a Expo Shanghai de 2010 são exemplos do papel da economia como um dos meios para atingir o status e imagem desejados. Porém, de acordo com Yan Xuetong, reitor do Instituto de Relações Internacionais Modernas da Universidade de Tsinghua, um país rico não automaticamente torna-se uma grande potência respeitada. Para o acadêmico, a China tem de trabalhar em ser um líder mais capaz, nas ordens normativas do Sistema Internacional, para estar a par do nível de poder, mas principalmente de articulação com os demais atores que Estados Unidos possui.⁶ Um dos impasse enfrentados é de que nem sempre ter uma imagem benigna será o desejado para ser um grande poder. Mesmo não indo tão à Maquiavel e a dialética de ser temido ou amado, é um claro problema que o Partido enfrenta ao projetar sua imagem.

Tentar utilizar e adequar este termo e modo de se fazer política não foi uma tarefa simples para os acadêmicos e pelos membros do Partido Comunista Chinês. A tentativa de trazer a articulação de sua política externa de uma maneira crua, direta e a partir da cooperação não fazia sentido dado ao papel e poder da cultura na China. Para diversos integrantes da academia chinesa⁷, o *Soft Power* é definido como algo intangível, não-quantificável, não material ou como um poder espiritual (WANG, LU 2008). Tentar especificar objetivos de política externa com o tipo de abordagem, a partir do que é a visão ideológica chinesa geraria atritos que não iram compensar. A ideia de utilizar o *Soft Power* no momento, seria para quebrar com o estereótipo de uma China que vinha de uma a era de Mao Zedong. Desde a Revolução

⁶ XUETONG, YAN 2011 Apud PU, Xiaoyu. 2019. Rebranding China: Contested status signaling in the changing global order. Cap. 3, "China on the World Stage", p. 35

⁷ LU, WANG, 2008 apud Wang Junzhou and Sun Lianzhong, 'Curbing worms have small ways, flying dragons have big ways' ['Huo Qu Gu Xiaowang, Long Xiang Nai Da Lai'], *Jingji Wenti Tansuo* no. 4, (2005), pp. 4–8; Xu Jun, 'Soft power— America's new comparative advantage in international trade' ['Ruanshili—Meiguo Zai Guoji Maoyi Zhong de Xinxing Bijiao Youshi'], *Guoji Shangwu* no. 4, (2004), pp. 5–10; Cao Jingzhu, 'Worried thoughts on soft power' ['Ruanshili zhi Yousi'], *Xuexi Yuekan* no. 9, (2004), pp. 1–3; Huang Muyi, 'Philosophical thinking regarding "soft power"' ['Guanyu "Ruanshili" de Zhexue Sicao'], *Zhexue Shijie* no. 12, (2004).

Cultural, é colocado como uma das prioridades do Partido uma mudança na imagem da China para com o mundo, é um extenso trabalho que é importante até os dias atuais.

As discussões sobre *Soft Power* ficaram mais tangíveis em solo chinês quando seus acadêmicos começaram analisá-lo junto do contexto de sua população, seus ideias e características culturais, assim como do próprio país sobre o seu ‘desenvolvimento pacífico’, também sendo descrito como “*Soft Power* com características chinesas” (Glasser e Murphy, 2009 apud Becard; Menechelli Filho 2019). Para Zhang (2017), o *Soft Power* cultural chinês foge drasticamente daquilo que é definido por Nye. É apontado que a cultura tem um papel intrínseco no desenvolvimento do *Soft Power*, junto de seu papel político. Zhang (2017) coloca a análise e entendimento de Nye sobre o papel da cultura como muito estrito, dizendo que

*“While the category of Joseph Nye’s soft power limits itself to cultural appeal, the attraction of political systems and values, and diplomatic persuasiveness, we stress cultural soft power. In contrast to material hard power, cultural soft power includes all the invisible and intangible forces arising from spirit, wisdom or emotions, including cultural appeal, persuasiveness of the language used, idealistic and spiritual inspiration, creativity, insightfulness, the power of morality, the ability of theories to provide guidance, the ability of public opinions to sway, and the ability of images to shape perception, and so forth.”*⁸

Para a China, a cultura é um laço tão importante em todos os âmbitos de suas relações que o conceito de *Soft Power* quase corresponde como *cultural power* (Becard; Menechelli Filho 2019). É possível associar o desenvolvimento do *Soft Power* cultural como um aliado que caminha lado a lado com a diplomacia cultural. Pelo fato de enfrentar problemas para projetar sua imagem internacionalmente, dado ao seu sistema político perante as demais potências, o uso da cultura pode ser uma válvula de escape útil e viável. Xi Jinping, presidente da China, utiliza também o termo em seus discursos “*In order to build a solid foundation for the nation’s cultural soft power, China needs to deepen the reform in its cultural system, promote socialist core values and push forward the cultural industry.*”⁹

As características da cultura sínica foram fundamentais para estabelecer o que é hoje em dia o alicerce de sua sociedade. Com influência de pensamentos Budistas, Taoístas e Confucionistas, a sociedade se desenvolveu a partir destes ensinamentos, com formas mais estritas de se portar perante uns aos outros, disciplina exemplar e vasta pluralidade cultural. Visto a importância destes princípios que englobam e solidificam toda sua cultura e construção como sociedade, a idealização de um *Soft Power* mais “cru” e direto não faria sentido sem a

⁸ ZHANG, 2017 Research Outline for China’s Cultural Soft Power, Research Series on the Chinese Dream and China’s Development Path. Cap 3. p 43

⁹ Xi, 2014

inclusão deste âmbito. Um tipo de coalizão entre os acadêmicos e membros do PCC surgiu para entender e colocar em jogo o termo para a política externa chinesa. Muito mais que a questão da cultura, diferente dos Estados Unidos, que utiliza para articular sua política com o propósito de manter seu caráter hegemônico, Pequim tinha a missão de se pôr como um aliado de imagem positiva aos demais atores, criando um ambiente amigável, com o intuito de ajudar a fomentar um mundo de paz, harmonia e cooperação; paz está também nos termos chineses, e não na idealização ocidental do que é paz. Diferente da análise de Nye, que vê a questão mais estrutural da execução e uso do *Soft Power*, a aferição do papel da cultura chinesa no projeto é totalmente necessária para que faça sentido neste contexto. Uma análise à níveis de micro, médio e macro observação entra no que seria entendido como o *Soft Power Cultural*.

2.1 A necessidade da diplomacia cultural no governo Xi Jinping

A diplomacia cultural seria o resultado de uma articulação na tentativa da expansão do *Soft Power* por vias chinesas. A ideia central seria divergir dos caminhos tradicionais da execução deste modo de fazer política e relações. Por mais que o governo chinês seja exemplo em ações de cooperação e cooptação de aliados por meio de acordos econômicos e políticos, esta não seria a única via a se seguir. Tentar melhorar a sua imagem para com o Sistema Internacional através de iniciativas que corram para o âmbito da cultura são uma opção válida a ser implementada. Exemplos importantes que serão abordados em uma sessão futura deste trabalho permeiam o âmbito do entretenimento educação, esporte e mídia.

A importância do *Soft Power Cultural* é visível no governo Xi Jinping. A entrada do atual presidente da República Popular da China trouxe uma abordagem mais leve - não tendendo para ameaças diretas em âmbito militar - para o que Angela Poh e Mingjiang Li chamam de "*Strongman politics*", se colocando mais a frente como um player relevante no sistema internacional - tal qual Mao Zedong. Como citado no capítulo anterior, os meios de fazer sua política externa eram firmes e diretas, colocando discursos menos maleáveis e com seus posicionamentos claros perante as grandes nações do sistema internacional. Abordagem esta que não é nova, como é descrito pelas autoras. Mao Zedong já estabelecia tal tipo de estratégia, mas Jinping colocou uma intensificação maior ao processo junto do projeto de Pequim. Alguns de seus discursos, se separar em seções, colocavam-se como muito abrasivos e atraentes para um fazer político mais passivo, principalmente quando o assunto era uma integração maior com o sul global e seus projetos que passavam por estas vias. Porém, quando

se tratava de situações mais ríspidas, em que se ameaçava ou entrava na zona de influência chinesa, o secretário geral do PCC colocou sua postura mais à frente e usa de discursos mais diretos, não-passivos e enfrentadores para manter o ideal chinês em pauta.

Tal postura da República Popular da China vai de acordo com seu planejamento de projeção de imagem internacionalmente. Nem tanto ao *Hard Power*, nem somente ao *Soft Power*, e por mais que os dois tipos de poderes possam ser lidos como distintos e entrelaçáveis, mas ao mesmo tempo mútuos e convergentes (ZHANG, 2017) o plano chinês é se alçar voo, criando boas relações, mas mantendo suas características e a integridade de seu poder nacional. Manter seus valores tradicionais, visão de mundo, sabedoria e espiritualidade é a prioridade neste projeto. Arcar com este intuito de manter seu poder nacional – militar, econômico e principalmente cultural – poder ser, entretanto, um caminho que pode conter algumas pedras em seu trajeto. Xi Jinping, que por um lado, valoriza o papel do *Soft Power* cultural na construção das relações, não possui um viés de ceder aos demais para atingir seus objetivos. Com uma imagem mais ríspida e dura em diversos discursos, o líder do Partido sempre vai “bater o pé” para defender os valores e ideais da nação que governa. Isto vai sim, de acordo com o plano de governo da China para o século XXI, mas pode trazer certos riscos para construção de sua imagem.

O caso mais emblemático dessa postura de Jinping foi a “guerra” travada com o governo Trump em 2018, conhecida como *Trade Wars*. O conflito se deu por uma pressão do governo americano, em uma viagem para a China, para que as seguintes demandas fossem acatadas: redução o déficit comercial bilateral em US\$ 200 bilhões, acabar com os subsídios para tecnologia avançada, interromper a pressão sobre as empresas dos EUA para entregar a tecnologia e fortalecer a proteção à propriedade intelectual¹⁰. Com a China não acatando, claramente dado o histórico e vias de poder de Jinping, Washington então aumentou a taxa de impostos sobre produtos chineses de 3,1% para 21%. A China acaba por responder em medidas semelhantes. Com acordos e retornos dos atritos, o conflito comercial pode ser dividido por fases, estando mais apaziguado durante a administração de Joe Biden. Porém é valioso observar o caso como um grande exemplo que, para manter suas medidas, ideias, políticas e formas e exercer poder e se pôr no jogo global, Xi Jinping é um político que não dá “o pé para trás”, se mantendo até quando for necessário.

¹⁰ The Wall Street Journal, 2022 DAVIS, Bob; WEI, Lingfeng **Who Won the U.S.-China Trade War?**

Tal posicionamento do presidente da RPC pode ser lido como um amostra do que é o *Strategic Overstretch*, mostrando até quando vale a pena manter seu papel e poder, mesmo com muitas variáveis importantes em jogo - políticas, econômicas, sociais e ideológicas. Neste contexto, é possível ver a importância do uso da diplomacia cultural para se inserir como um aliado confiável em um cenário de esgotamento das estratégias e capacidades de mantê-las. Como o uso da cultura vem diretamente da base dos ideais chineses, ao mesmo tempo em que não perderia o papel vital da política do presidente e nem das diretrizes do PCC. Logo, seria uma estratégia válida, não só para ganhar e construir uma melhor imagem, mas também espalhar a cultura chinesa, mostrando que ela merece ser abraçada e reconhecida. Na próxima seção, serão demonstradas iniciativas do uso do *Soft Power* e da diplomacia cultural para a criação de uma nova imagem e aproximações da RPC com os demais países do mundo.

3. A DIPLOMACIA CULTURAL CHINESA COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

Como foi analisado até aqui, a diplomacia cultural vem sendo um dos maiores aliados da máquina de política externa chinesa no século XXI. O desenvolvimento da China no século XXI, no que tange o âmbito econômico, a colocou como segunda maior economia do mundo em 2021 (*World Bank*) e o país que mais exporta para o mundo todo (*The Atlas of Economic Complexity*). Tal crescimento foi crucial para colocar a China no pedestal que se encontra hoje, tanto como forte poder econômico como para ser um player global de referência e poder ir de encontro aos Estados Unidos. Porém, como elencado no capítulo anterior por Yan Xuetong, somente uma forte economia não é o suficiente para ascender de maneira ideal ao posto em que Pequim almeja. A necessidade de criar uma boa imagem para com os demais atores de maneira a ganhar aliados e se impor – e não somente a partir de uma política de boa vizinhança – foi um problema enfrentado ao desenvolver sua política externa e diplomacia. Para tal, vê-se um esforço para expandir as vias do seu *Soft Power*. Para a China, todo e qualquer meio de fazer política deve caminhar lado a lado com sua história, valores, mas principalmente a sua cultura. Assim, utilizando a diplomacia cultural como uma extensão desta forma de política, são alçados novos voos para um desenvolvimento que condissesse mais com as ideias e vontades, tanto do PCC como da própria população. (PU, XIAOYU 2016; ZHANG 2017). Buscando entender e demonstrar a importância do papel da diplomacia cultural na construção dessa imagem mais articulada para com o mundo, serão estudados dois braços que, por um lado são distintos, mas se mostram importantes no escopo chinês: o esporte e a educação.

Para tal, será feita uma análise empírica destes dois exemplos buscando demonstrar seu desenvolvimento e importância para a diplomacia cultural. Na primeira seção, buscando entender o papel político do esporte e seu valor para a China, será realizada uma análise da importância e desenvolvimento do basquete a partir das relações NBA. Ademais, será analisado o papel que os Institutos Confúcio tiveram para espalhar a língua e cultura chinesa ao redor do mundo, assim como quebrar com diversos estereótipos e preconceitos.

3.1 O papel político do esporte

Desde o seu surgimento, o esporte é utilizado como veículo político, sendo usado para controlar ou influenciar as classes mais baixas e/ou para medir poder com os demais Estados

presentes no Sistema Internacional, indo além da lógica *panem et circenses* atribuída a ele. A própria natureza do esporte o permite ser mais suscetível ao uso político, a partir de certos elementos apresentados por ele. É uma atividade com regras de fácil compreensão, sendo utilizado como elemento de comunicação de massa portador de uma linguagem simples. Oferece à população a possibilidade de identificação com o coletivo e com as aspirações patrióticas dando sentido à união nacional. É um elemento alienador que permite ao espectador a compensação para as tensões e aflições da vida cotidiana – a apropriação do atleta como representante do sistema, os sucessos esportivos fornecem prestígio político (SIGOLI, DE ROSE 2004). Visto isso, o uso do esporte como uma via legítima de fazer política é possível. Pode ser articulado por aqueles que fazem parte dele – seus próprios – atletas, ou pelas nações que usufruem. Dado seu papel político, o esporte pode ser uma via útil no desenvolvimento e aplicação do *Soft Power* pela diplomacia cultural. Tendo em seu escopo de ação o entendimento e desenvolvimento dos ideias nacionais, para com as outras nações, a fim de estabelecer novos aliados para seus fins políticos, o uso do esporte se demonstra um meio factível para este fim (PU, 2016). Ao agir como intermediário deste processo, os atletas são peças-chave na complementação deste processo, seja por uma participação ativa dentro ou fora do esporte, como é colocado por Pu “*athletes are active in exchanging image-embedded information across boundaries of nation-states*”¹¹

3.1.1 O desenvolvimento do basquete na China e a inserção internacional da NBA

A *National Basketball Association* é hoje uma das maiores ligas esportivas do mundo inteiro, sendo influente dentro e fora dos Estados Unidos. Relacionando-se com diversos países ao redor do mundo todo, a liga possui uma conexão especial com a China. Quase que um projeto planejado durante anos, o crescimento deste relacionamento foi benéfico tanto para o bem econômico da liga ao se expandir com o resto do mundo quanto para o reforço das relações entre os Estados Unidos e a China. Figuras como Michael Jordan, Kobe Bryant, LeBron James e Yao Ming (Maior jogador chinês da história e embaixador do esporte no país) foram completos ídolos na nação chinesa em suas épocas, criando laços culturais importantíssimos para todas as partes envolvidas. Mesmo tendo todos os mencionados astros da bola laranja como figuras importantes neste processo de internacionalização da liga, a peça-chave deste processo

Comentado [MLP2]: Desenvolver a partir a literatura que tenho sobre

¹¹ PU, Haozhou (2016) Mediating the giants: Yao Ming, NBA and the cultural politics of Sino-American relations, *Asia Pacific Journal of Sport and Social Science*, pp. 5

não era alguém ativo dentro das quadras. Posicionando-se mais atrás – e acima – das quatro linhas, o empresário estadunidense David Stern ocupou o cargo de comissário (uma espécie de presidente da liga) de 1984 até 2014. Concomitantemente, a posse de Stern ao cargo é acompanhada por um aluno prodígio da Universidade da Carolina do Norte, que faz sua estreia na NBA, dando início ao nome de Michael Jordan na história do esporte mundial. Muito do trabalho do comissário era o de projetar a NBA internacionalmente, furando a bolha nacional. Para Stern, era visível que o esporte estava chegando em seu ponto de saturação interno, e que, como proferido pelo mesmo para o Los Angeles Times “*global development is a certainty with or without us*” (STERN, 1991). Aliado a esse momento, tem-se um movimento em que atletas deixam de ser somente atores dentro de quadra, e começam a se tornar verdadeiras celebridades (PU, 2016).

A China tem uma relação história com o basquete, desde a origem do esporte em 1891¹², criando laços do esporte com a nação desde então

“In late 1890s, the Young Men’s Christian Association in Tianjin brought basketball to China and rapidly became a national pastime [...] After the establishment of the People’s Republic of China, basketball continues to be the most popular sports and a nationwide game”¹³

O basquete como esporte sempre foi uma paixão do povo chinês, possuindo mais de 300 milhões de fãs ao redor do país, assim como mais de meio milhão de quadras em solo nacional (LI, 2010 apud ZHOU et al 2017). Porém, apesar da fama e apreço em todo a região, o esporte, até 1990, era utilizado pela RPC como meio de exposição internacional, focando na competição de torneios entre nações (ZHOU et al 2017).

Stern então, em seu projeto de expansão mundo a fora, encontrou uma dificuldade para que a NBA se estabelecesse na Europa, que possuía uma cultura predominantemente ligada ao futebol. Aliado à profissionalização das ligas internas de basquete chinesas e um grande avanço das redes de comunicação da Televisão Central da China (CCTV), a NBA encontra um vácuo que se encaixa perfeitamente nas suas intenções de internacionalização de mercado nos anos 1990. Procurando conquistar o público chinês, a primeira estratégia de marketing da NBA entregou a transmissão de alguns jogos para a CCTV sem cobrar nenhuma taxa de direitos

¹² *Basketball History; World of Basketball*

¹³ ZHOU, Liangjun; WANG, Junqi; CHEN, Xiaoying; LEI, Chundong; ZHANG, James; MENG, Xiao. (2017) The development of NBA in China: a globalization perspective; International Journal of Sports Marketing and Sponsorship, Vol. 18 No. 1, pp. 83

autorais (ZHOU et al 2017). Em 1994, pela primeira vez as finais da NBA foram transmitidas pela CCTV e em 1996 começou a transmissão jogos da temporada regular, o Jogo das Estrelas, assim como as eliminatórias e as finais. Aliado a esse período, também ocorria a ascensão de Michael Jordan e dos Chicago Bulls. Jordan foi um dos jogadores mais impactantes da história da NBA (PU, 2016; ZHOU et al 2017), levando os Bulls – que até então nunca haviam levantado um troféu - a ganharem seis títulos da NBA, entre 1991 e 1998. Individualmente, Jordan também conquista diversos prêmios, de Melhor Jogador da Temporada, Melhor Jogador das Finais, Calouro do Ano, Jogador Defensivo do Ano, entre outros¹⁴. A partir de sua própria performance e o sucesso de seu time, Jordan ascende a um status de celebridade, furando a bolha do basquete e se posicionando acima do esporte, tornando-se uma figura notavelmente conhecida pelo público consumidor chinês (PU, 2016). O acadêmico chinês Haozhou Pu enxerga o papel e impacto internacional que um atleta com o status de celebridade pode ter. Para Pu, o resultado é um outro patamar no contexto de relações “entre-civilizações”, colocando o atleta como articulador – mesmo que indiretamente – de políticas e trocas, entre Estados ou empresas.

3.1.2 Atleta-político: a importância de Yao Ming para as relações sino-americanas

Em 2002, Yao Ming foi o primeiro jogador de basquete estrangeiro da história a ser a primeira escolha do *draft*¹⁵ da NBA¹⁶. O *draft* é um sistema essencial para manter e renovar a saúde da liga para que não se desgaste, demonstrando a importância de um atleta não-estadunidense, e principalmente chinês, ser o calouro mais valioso e cobiçado do ano. Ming atuou toda sua carreira no *Houston Rockets*, time tradicional do estado do Texas, tendo participado de oito jogos das estrelas – evento em que o público, jogadores e mídia escolhem vinte e quatro dos melhores jogadores para se enfrentar¹⁷ - e sendo um dos jogadores mais dominantes na história de sua posição (PU, 2016).

A entrada do atleta na NBA em 2002 veio de encontro com um momento sociopolítico importante das relações sino-americanas. Um ano antes, a colisão acidental entre aeronaves do

¹⁴ LEGENDS PROFILE: MICHAEL JORDAN

¹⁵ Sistema de loteria presente em diversos esporte em que os times participam de um sorteio – onde da aqueles que estão na parte baixo da tabela possuem mais chances de estar nas posições mais altas. Na NBA, é feito um ranqueamento entre os trinta times para selecionam os jovens jogadores mais promissores, seja das ligas universitárias ou estrangeiras.

¹⁶ PU, Haozhou (2016) Mediating the giants: Yao Ming, NBA and the cultural politics of Sino-American relations, *Asia Pacific Journal of Sport and Social Science*, pp. 4

¹⁷ All-Star vote FAQ: Did the NBA's new format get things right? ESPN

governo americano e chinês gerou um sentimento anti-imperialismo americano em Pequim (PU, 2016). Todavia, no mesmo ano, após o atentado de setembro de 2001 às Torres Gêmeas, China e Estados Unidos se aproximam em uma frente comum no que tange a política global¹⁸. Junto da entrada de Yao Ming na liga, o ano de 2002 foi quando, após quinze anos de negociação, a China é aceita na Organização Mundial do Trabalho (OMT). Com isso, vê-se não somente a inclusão de um imenso mercado nas dinâmicas do comércio global, como também uma mudança no sistema geopolítico como um todo (PU, 2016).

Dada a sua relevância dentro das quatro linhas, Yao Ming ascende a um status importante também fora de quadra, para Pu “*His flexible and transnational identity [...] granted him multiple images as a sports celebrity, national idol, favourite for commercial endorsement, as cultural ambassador*”¹⁹. O pivô se torna uma peça importante para a imagem chinesa através do pacífico, em que Haozhou Pu o define como a ambição das empresas nacionais de se projetar globalmente, quebrando o estereótipo do ‘*Made in China*’, e introduzindo o ‘*Made by China*’. O atleta possuía uma imagem para o esporte muito benéfica para o espectro imagético chinês, pois, além participava da elite do basquete mundial, mostrava excelência e destaque na sua posição. Ademais, Ming sempre focou em deixar claro a importância e lealdade que os valores chineses possuíam em seu cerne. Durante sua carreira, Ming atraiu, em média, trinta milhões de espectadores chineses para a liga semanalmente (GOTTLIEB, 2011 apud PU, 2016). O pivô foi um jogador exemplar no que tange sua conduta em quadra, sendo expulso de uma partida somente uma vez, além de ter realizado poucas faltas técnicas (PU, 2016). O fato de possuir um estilo de jogo mais “calmo” foi alvo de críticas por analistas de basquete²⁰, entretanto, Pu enxerga a postura de Ming como um reflexo do Confucionismo, levando em seu jogo os elementos de “‘*Peace*’, ‘*Altruism*’, and ‘*Selfdiscipline*’ that were present in Chinese culture for thousands of years”²¹.

Após sua aposentadoria em 2011, o jogador recebeu diversas honras, tanto por sua contribuição para o desenvolvimento do basquete, como pelas contribuições para a relação sino-americana por meio do esporte (FUHUA, 2020). Em 2016, foi selecionado para fazer parte do Hall da Fama da NBA, sendo o primeiro jogador asiático a entrar no seleto círculo. No mesmo ano, como parte da tradição dos times de basquete, o número 11 utilizado por Yao Ming foi

¹⁸ PU, Haozhou (2016) Mediating the giants: Yao Ming, NBA and the cultural politics of Sino-American relations, *Asia Pacific Journal of Sport and Social Science*, pp. 6

¹⁹ PU, Haozhou (2016) Mediating the giants: Yao Ming, NBA and the cultural politics of Sino-American relations, *Asia Pacific Journal of Sport and Social Science*, pp. 4

²⁰ NBA Gamble on Poker Deal, ESPN

²¹ PU, Haozhou (2016) Mediating the giants: Yao Ming, NBA and the cultural politics of Sino-American relations, *Asia Pacific Journal of Sport and Social Science*, pp. 11

Comentado [MLP3]: Subir

Comentado [JMG4]: pq é um tracinho e não aspas ?

Comentado [JMG5]: n poderia ser “além de participar”?

aposentado, sendo uma das seis camisas penduradas no estádio do *Houston Rockets*. Em 2017, o então prefeito de Houston Sylvester Turner declarou o dia 2 de fevereiro como “Dia de Yao Ming”, além de convidá-lo a ser o embaixador da boa vontade na cidade (FUHUA, 2020).

O atleta, por ser uma figura-chave para a imagem chinesa no exterior, possuía um reconhecimento e relacionamento com o governo chinês. Além de receber por seis vezes consecutivas o prêmio de celebridade chinesa mais influente, foi reconhecido também pelo PCC como *laobo* (trabalhador exemplar), que é a maior honra que um cidadão chinês pode receber (PU, 2016). Fora das quadras, Yao Ming foi uma figura modelo no que tange as áreas da educação, sustentabilidade e luta contra a pobreza, com a criação da Fundação Yao²². Após sua forte relevância e presença junto a NBA, o ex-atleta, em 2016, pleiteia uma reforma, junto a dezoito donos de clubes chineses de basquete, para alterar a estrutura da *Chinese Basketball Association* (CBA). A liga chinesa de basquete tinha um viés orientado para o interesse nacional do governo, em um sistema vertical-centralizado, em que o governo tomava as decisões e organizava a liga (FUHURA, 2020). O plano central da reforma, que foi rejeitada em 2009, era para que a CBA se estruturasse de maneira parecida com o modelo de governança da liga estadunidense. Para tal, em união com os responsáveis pelos clubes chineses, é proposta a criação de uma entidade independente, a *Chinese Basketball Association Company* (CBA Company). Fuhua explica que a ideia era de que, com essa pressão, o governo fosse de acordo com a flexibilização e alteração nas estruturas atuais de governança da CBA. Com o acordo aderido pelo governo, Yao se torna presidente da CBA e CEO da *CBA Company*, provendo grandes avanços para a liga chinesa.

3.2 Diplomacia cultural através da educação: A construção e o papel dos Institutos Confúcio

Em 2004, o governo chinês estabelece um plano de cinco anos para promover a educação da língua chinesa no exterior, que fica conhecido como *Chinese Bridge Project*. Dentro deste projeto surge um de seus braços mais importantes para a política externa chinesa, a iniciativa dos Institutos Confúcio (IC). Com nome homenageando o pensador e pai do confucionismo. Confúcio, nascido entre os períodos de entre 552 a.C. e 489 a.C., é conhecido como o maior e mais importante pensador e filósofo da cultura chinesa. Sua maior ambição era de colocar seu pensamento e trabalho a favor do governo, porém, nunca teve a devida

²² Yao Foundation

oportunidade. Sem nunca ter tido a chance de exercer sua vontade, dedicou-se a escrever sobre seu pensamento e filosofia, assim como ensiná-los com o intuito de passar sua filosofia adiante. Todavia, sua ideologia ecoa até os dias de hoje, como pilar central da cultura e crença chinesa, assim como importante métrica para a política externa do Partido Comunista (REN, 2012). Com a criação dos IC, a meta era aumentar drasticamente o ensino da língua chinesa mares afora. Porém, não somente com o foco do ensino linguístico para estrangeiros, tinha como papel promover um entendimento melhor, com a quebra de tabus e preconceitos em relação a cultura chinesa.

O primeiro instituto foi aberto no ano de 2004, em Seoul, capital da Coreia do Sul, que é uma área de influência direta da China, após o reatamento na relação entre os dois países em 1992. Quatro anos depois, 292 institutos funcionavam em 78 países ao redor do globo. Essa rápida expansão foi realizada pelo Escritório do Conselho Internacional da Língua Chinesa, mais conhecido pela sua abreviatura, *Hanban*. A estimativa era de que 100 institutos fossem abertos no período de sete anos, porém o crescimento estrondoso não foi previsto nem mesmo pelo conselho. O aumento vai de encontro com o período do *boom* de crescimento chinês, entre 2000 e 2009, em que a China salta de quinta para a segunda maior economia do mundo (*World Bank*). Para Zhe Ren, acadêmico chinês do Instituto de Economias em Desenvolvimento do Ministério da Economia japonês, o fator econômico está mais do que atrelado ao rápido crescimento e expansão do projeto, mas é também necessário considerar a importância do *Soft Power* chinês, que também se valoriza junto ao avanço da iniciativa.

O *Chinese Bridge Project*, controlado pelo *Hanban*, que tem os Institutos Confúcio como seu principal motor, segue as diretrizes do próprio Conselho, que servem para:

QUADRO 1: DIRETRIZES DO HANBAN

1. *To promote the programs of Chinese language in institutions of various types and levels present in other countries*
2. *To advise and guide Confucius Institutes Headquarter at the establishment of Rooms and Confucius Institute*
3. *To define and establish the criteria for the education of the Chinese language as foreign language, to carry out the obtaining of the evaluations and to promote the materials for the teaching of the language*

4. *To encourage and to establish the certifications for the teachers, as well as the training courses.*
5. *It favours the incorporation of the teachers and Chinese voluntary workers in the foreign national.*
6. *Providing certification tests for the teaching of Chinese language as foreign language.*
7. *Defining the criteria for the creation of teaching online portals of Chinese language as foreign language and building a suitable access platform.*²³

(Fonte: Universidade de Valência)

Dado tais diretrizes, é visível o papel e importância que o *Hanban* possui, tanto para o desenvolvimento dos Institutos, como para o projeto de da língua chinesa ao exterior.

3.2.1 Organização dos institutos e seu papel no desenvolvimento da diplomacia cultural

Como mencionado, os Institutos Confúcio são um braço importante do *Chinese Bridge Project* para fomento do ensino da língua chinesa a outras nações. O projeto é controlado diretamente pelo *Hanban*, em conjunto com universidades tanto na China como instituições parceiras locais no exterior, sendo pela abertura de Institutos Confúcio ou por “Classes Confúcio” (não sendo necessariamente um instituto, mas aulas ministradas a partir das diretrizes do *Hanban*) (REN, 2012). Ren explica que as operações no exterior podem ser descritas em três diferentes categorias, que seguem a natureza das instituições parceiras.

A primeira, que é também a de maior escala, são as operações em conjunto de universidades estrangeiras. Estas provêm o local e instalações para o funcionamento do ensino, e as universidades chinesas amparam com a questão com materiais de estudo assim como as metodologias de ensino. A segunda categoria se refere aos Institutos que operam junto a

²³ 1. Promover os programas de língua chinesa em instituições de vários tipos e níveis presentes em outros países; 2. Aconselhar e orientar a Sede dos Institutos Confúcio no estabelecimento de Salas e Instituto Confúcio; 3. Definir e estabelecer os critérios para o ensino da língua chinesa como língua estrangeira, realizar a obtenção das avaliações e promover os materiais para o ensino da língua; 4. Incentivar e estabelecer as certificações para os professores, bem como os cursos de formação; 5. Favorece a incorporação dos professores e voluntários chineses no estrangeiro; 6. Fornecer provas de certificação para o ensino da língua chinesa como língua estrangeira; 7. Definir os critérios para a criação de portais online de ensino de língua chinesa como língua estrangeira e construir uma plataforma de acesso adequada. (Tradução nossa)

organizações sociais estrangeiras, seguindo a mesma métrica da primeira categoria. Por fim, o terceiro tipo vem da criação de Institutos em conjunto com corporações estrangeiras. Tendo seu principal foco no desenvolvimento de estudantes da língua chinesa no mundo dos negócios, estabelecem parcerias com diversas multinacionais de diferentes ramos do mercado, como por exemplo a British Petroleum, Deloitte, HSBC, Swire, e o Standard Chartered. Esta categoria é regida e operada pelo *Hanban*, junto da Universidade de Tsinghua e a Escola de Economia de Londres (LSE) (REN, 2012).

Mesmo sendo um projeto regido por vias públicas, a abertura dos Institutos Confúcio foi mais do que bem-vinda – e bem-vista – por seus países receptores. Tendo bons resultados desde seu início, em 2004, a mais prestigiosa instituição acadêmica da China, a Universidade de Pequim, abriu dez Institutos Confúcio nas mais diversas universidades do mundo. A Universidade de Stanford nos Estados Unidos, a Universidade de Granada na Espanha e a Universidade de Moscou na Rússia são alguns exemplos notáveis (REN 2012). Ademais, no ano de 2009, a Universidade de Língua e Cultura de Pequim abre suas portas para receber estudantes das mais diversas nações, através de programas de intercâmbio. Com o intuito de manter – e aumentar – as boas relações com os países que estavam por receber a iniciativa, era de costume que a China enviasse figuras políticas importantes, como embaixadores ou diplomatas, para a abertura dos Institutos. Em 2004, o então presidente da República Popular da China Hu Jintao participou da cerimônia de abertura de um Instituto Confúcio na Universidade de Tashkent, no Uzbequistão. Em 2007, o premier chinês Wen Jiabao participou da cerimônia de abertura de mais um instituto, desta vez na Universidade de Lisboa.

Em 2005, em um artigo para o Wall Street Journal, Joseph Nye, reconheceu o papel dos Instituto Confúcio como um exemplo vitorioso da ascensão do Soft Power Chinês, em que *“China has always had an attractive traditional culture, but now it is entering the realm of global popular culture as well”*²⁴. Realizando um estudo comparativo, a acadêmica da Universidade de Hong Kong, Rui Yang, sugere que os ICs são uma nova forma de internacionalização da imagem chinesa através da educação. É um projeto que almeja, a longo prazo, levar a mensagem chinesa – que é a mesma do governo – de que a China é capaz de se projetar para o mundo, sem perder seus valores (YANG, 2010).

²⁴ NYE, Joseph (2005), “The rise of China’s soft power”, The Wall Street Journal Asia, December 29.

3.2.3 Atritos e dificuldades dos ICs em solo estadunidense

Um ano após a abertura do primeiro instituto em 2004, em Seoul, houve a inauguração do primeiro Instituto Confúcio nos Estados Unidos, na Universidade de Maryland (UMD). A Universidade possui uma relação calorosa com Pequim, que data desde 1915, quando recebe seu primeiro estudante chinês²⁵. Entre 2005 e 2018, foram abertos 110 ICs, assim como 501 Classes Confúcio em todo território estadunidense. Até 2018, existiam no total 548 ICs ao redor do mundo, com os Estados Unidos sendo sede de 110 institutos, ministrando a maior parcela das classes (20,07 %) do mundo todo²⁶. Todavia, dada a relação político-diplomática entre os dois países, principalmente após o boom econômico chinês de 2009, os institutos acabaram sendo vistos não como uma via de ensino da língua chinesa, mas também como um posto de espionagem e ameaça aos valores de Washington (REN, 2012; BECCARD, MENECELLI, 2019).

Em 2013, a partir de um artigo no jornal *The Nation*, o antropólogo e professor da Universidade de Chicago, Marshall Sahlins acusa as abordagens dos ICs de censurar discursos políticos e de restringir a liberdade de expressão de seus estudantes, questionando sobre o porquê das instituições de ensino estadunidense manterem relações com Pequim²⁷. Em 2014, Sahlins lança seu livro, intitulado *Confucius Institutes: Academic Malware*, mantendo a pauta de que os ICs não eram somente um meio para ensino linguístico, mas como um canal para a promoção das ideias e influências da política chinesa. No mesmo ano a Associação Americana de Professores Universitários (AAUP) publicou um relatório, dizendo que a presença dos ICs nos campus era inconsistente com os seus ideais de liberdade acadêmica e com a autonomia das próprias universidades²⁸. Ainda em 2014, uma petição foi levantada na Universidade de Chicago. Com a participação de mais de 100 acadêmicos do corpo docente, demandando-se que o contrato com o Instituto Confúcio local fosse encerrado. Em setembro do mesmo ano, a então Diretora Geral do *Hanban*, Xu Lin deu uma entrevista para um jornal local chinês dizendo que, caso fosse pedido pela administração da Universidade de Chicago, o contrato seria terminado. Após o caso, a universidade renovou o contrato. Porém, pouco tempo depois, a universidade publicou uma nota dizendo que os comentários da diretora do *Hanban* eram

²⁵ UNIVERSITY OF MARYLAND. Welcome to the Office of China Affairs

²⁶ Statista; University of South California

²⁷ SAHLINS, Marshall (2013). China U

²⁸ BECCARD; MENECELLI (2019) apud AAUP (2014) p 9

inconsistentes para continuação do relacionamento do instituto, que eventualmente acabou fechando (BECARD, MENECELLI 2019).

Em 2017, um documento publicado pela Associação Nacional de Acadêmicos demonstrando suas preocupações em relação ao papel dos Institutos Confúcio, segue as mesmas métricas do relatório publicado em 2014 pela AAUP, mas destacando novos pontos. É demonstrado uma preocupação com a liberdade de discurso acadêmico nas universidades estadunidenses. No documento, são mostrados diversos pontos relevantes que ocorriam nos ICs presentes nas suas universidades. A falta de liberdade acadêmica, em que professores chineses, contratados diretamente pelo *Hanban* para lecionar, estavam sofrendo pressões para evitar a discussão de assuntos sensíveis à China. Falta de transparência, pois os contratos entre o *Hanban* e as universidades dificilmente estavam disponíveis para consultas públicas. E, por fim, a manipulação do ensino para a promoção do *Soft Power*, em que o currículo acadêmico moldava os estudantes a aprenderem somente assuntos. O documento foi levado ao congresso, para que fosse aberta uma investigação sobre a atuação dos ICs nas universidades fechando (BECARD, MENECELLI 2019).

Em fevereiro 2018, mais uma leva de críticas surgiram, mas desta vez, partindo dos congressistas estadunidenses. O Senador Republicano da Florida Marco Rubio, enviou uma carta para quatro universidades de seu estado, para que essas fechassem todos seus ICs, alegando que os institutos eram uma iniciativa agressiva chinesa contra a liberdade de expressão e que subvertia a liberdade de seus discentes e docentes²⁹. A Universidade do Oeste da Florida então, a partir da carta de Rubio, informou que não iria renovar com seu IC. Em março do mesmo ano, os congressistas do Texas Michael McCaul, republicano e Henry Cuellar, democrata, enviaram uma carta³⁰ bipartidária às quatro universidades de seu estado, com a mesma demanda de Rubio – o fechamento urgente de todos os Institutos Confúcio em funcionamento. Também com o mesmo argumento, afirmaram que os órgãos ameaçavam a segurança americana e serviam como veículo para a disseminação da propaganda política de Pequim. A Universidade de Agricultura e Mecânica do Texas acata a demanda, informando também que o contrato com seu respectivo IC seria descontinuado. Ainda em 2018, um projeto de lei enviado ao congresso poderia afetar diretamente o funcionamento dos Cis. Explicado por

²⁹ BECARD; MENECELLI (2019) apud RUBIO (2018)

³⁰ BECARD; MENECELLI (2019) apud CUELLAR, McCAUL

Becard e Menechelli, o projeto se chamava Ato de Transparência sobre influência estrangeira de 2018, demandando que

“the CIs and other entities that promote ‘foreign governments’ political agenda” were registered as foreign agents (Allen-Ebrahimian et al. 2018). The bill would also compel universities to divulge donations from foreign entities that surpassed US\$ 50 thousand (currently, universities only divulge investments above US\$ 250 thousand and, as mentioned before, in most cases, Hanban invests between US\$ 100 thousand and US\$ 150 thousand in the CIs)³¹”.

Para Becard e Menechelli, o maior problema de todas as resoluções evidenciadas acima é que acabam partindo da suspeita e indo direto para a conclusão, enquanto repetem os mesmos discursos em que os ICs são uma ameaça direta e negativa para toda a vida acadêmica nos Estados Unidos (BECARD, MENEHELLI 2019). Diversos acadêmicos, diferindo daqueles participantes das cartas emitidas em 2014 e 2017, eram contra a dissolução dos Institutos Confúcio nas universidades estadunidenses. O então diretor do Centro de Estudos Asiáticos da Universidade do Sul da Califórnia Michael Hill diz que o Instituto Confúcio de sua universidade exerceu um papel fundamental na criação de cursos e atesta que nunca presenciou nenhuma tentativa de interferência política na universidade (BECARD, MENEHELLI 2019 Levine et al 2014). O professor Stephen E. Hanson, do Colegio William & Mary, que foi administrador de dois ICs, diz que nunca presenciou movimentos de censura ou autocensura por parte dos acadêmicos que ministravam em suas gestões.

“The Dalai Lama was on Campus at William & Mary in 2013 without any manifestation from the CI; lectures on topics such as the 1989 Tiananmen Square protests, the status of Tibet and Taiwan [...] were frequent on the campi where he worked – although they were never directly financed by Hanban”³²

Embora não tivesse como orientação direta para fazer propaganda política pró-China, o dia a dia dos professores dos institutos não era trivial e muito menos previsível. Ao serem questionados sobre tópicos sensíveis em relação as ações chinesas, como os casos sobre Tibet e Vietnã, mostravam suas perspectivas, mas sem abordar diretamente no assunto (HUBBERT 2014 apud MENEHELLI 2019). Quando questionados mais profundamente pelos alunos em tais questões, partiam para assuntos do dia a dia. Para Hubbert, a abordagem do *Hanban* para

³¹ BECARD; MENEHELLI 2019 Chinese Cultural Diplomacy: instruments in China’s strategy for international insertion in the 21st Century pp 11

³² BECARD, MENEHELLI 2019 Levine et al 2014 Chinese Cultural Diplomacy: instruments in China’s strategy for international insertion in the 21st Century pp 12

com os professores era intencional; não se expressar sobre tais demandas era “*less evident was the state’s presence on their agents’ actions, the more effective was soft power*”³³.

Os diversos ataques sofridos pelos ICs, sejam por acadêmicos, políticos ou da mídia, podem afetar diretamente o funcionamento da instituição, assim como a maneira que seus estudantes e famílias o enxergam e como podem passar a interagir após as demasiadas acusações. Tais casos, sejam a nível local, estadual ou nacional mostram como a presença dos Institutos Confúcio em solo estadunidense serviu como munição para ataques diretos a Pequim. Todavia, o entendimento e esclarecimento, tanto dos acadêmicos que participavam ativamente nas atividades dos ICs como do próprio *Hanban*, mostra a importância e força do relacionamento histórico entre as duas nações. Becard e Menechelli atestam a necessidade de políticas mais efetivas no que tange a articulação da diplomacia cultural chinesa, principalmente no momento de publicação da obra, a era Trump e as fortes tensões políticas entre a China e os Estados Unidos.

³³ BECARD, MENEHELLI 2019 Chinese Cultural Diplomacy: Instruments in China’s strategy for international insertion in the 21st Century pp 13

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi apresentado durante o progresso deste trabalho, argumento que o desenvolvimento do *Soft Power* chinês, e sua extensão pela diplomacia cultural, foi de clara importância para o avanço da melhoria da imagem chinesa para o resto do mundo. Com a ascensão do país do meio no final do século XX e início do século XXI, notou-se que, junto do grande crescimento econômico, era necessário dar um novo “ar” em sua política externa. Para utilizar o conceito ocidentalizado de *Soft Power* à sua maneira, houve uma articulação tanto dos acadêmicos como dos membros do Partido Comunista Chinês para incluir valores importantes de sua nação. Ademais, o foco da China era o de adentrar o sistema internacional de maneira branda e política, diferente do que era projetado para os Estados Unidos, que tinha como foco se manter como a maior potência vigente. Com isso, nasce o conceito de *Soft Power* Cultural, que abraçava todas as noções de base para o povo de Pequim (cultura e valores tradicionais) para dentro deste modo de fazer política (ZHANG, 2017). A partir disso, com a diplomacia cultural como um braço articulado deste *Soft Power*, a China encontra uma solução viável no que tange a inserção internacional por meio da cooperação, como também uma difusão de sua imagem, buscando quebrar com estereótipos pejorativos.

Além dos acordos econômicos e iniciativa de cooperação, a diplomacia cultural vai de encontro a políticas que tragam uma troca de valores e conhecimentos entre as partes envolvidas. Com tais parâmetros sendo de grande importância, tanto para a população como para o próprio Partido e seus líderes, a extensão destas práticas de política externa começam a ser cada vez mais aplicadas (BECHARD, MENECELLI 2019). Dentre muitos, são exemplos notáveis a iniciativa dos Institutos Confúcio, na área da educação, e da relação e construção do basquete na China, junto da NBA e de Yao Ming, na área do esporte.

Porém, nem sempre somente bons frutos são colhidos nestes processos. O intuito da diplomacia cultural era, em primazia, o de quebrar com uma imagem prejudicada – e muitas vezes xenofóbica – que a China tem com os demais países. Todavia, somente a intenção de passar por este obstáculo não é garantia de sucesso absoluto, e principalmente, superação. Carregado por sentimentos de preconceito e xenofobia, o povo sino e seu país passam por difíceis dilemas, de se fazer ser parte de uma sociedade e comunidade que não é a de sua origem, mas ainda assim mantendo seus valores (BECHARD, MENECELLI 2019). E, até políticas de diplomacia cultural promissoras, bem-feitas e bem articuladas, podem ser prejudicadas por manchas do passado difíceis de limpar.

Ademais, com a ascensão de Xi Jinping à presidência da República Popular da China, vê-se uma mudança de discurso. Para o recém-eleito, em seu primeiro discurso, traz à tona o ‘grande e forte poder’ que a China dispõe (WANG, PU 2018). Possuindo o caráter de priorizar sempre os interesses chineses, olhando primeiro para dentro e depois para fora, os pensamentos de Jinping vão de acordo com o que se baseia a diplomacia cultural chinesa. Todavia, como é debatido por Xiaoyu Pu e Chengli Wang tal postura poderia apresentar um risco para a projeção externa da chinesa. Os autores debatem o dilema do *Strategic Overstretch* argumentando que: “*acting provocatively too soon could generate balancing and backlash, while ‘waiting too long could mean forgoing strategic opportunities for substantial benefit’*”³⁴.

Dado este cenário, e com exemplos que colheram frutos promissores em seus auge, a extensão da diplomacia cultural se mostra válida. Muito além de construir laços com aliados, é necessário construir uma relação de respeito mútuo, com o compartilhamento de valores e ideais. Beccard e Menechelli, ao expor algumas vias da diplomacia cultural chinesa, acabam por enxergar os empecilhos que a China enfrentou, mas também acreditam que o governo chinês continuará a propagar sua história, para que suas vozes sejam ouvidas e suas características muito bem explicadas.

³⁴ PU, Xiaoyu; WANG, Chengli (2018) Rethinking China's rise: Chinese scholars debate strategic overstretch. *International Affairs*, v. 94, n. 5, p. 1020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECARD, Danielly; MENECELLI, Paulo (2019) **Chinese Cultural Diplomacy: Instruments in China's strategy for international insertion in the 21st Century**. *Revista Brasileira de Política Internacional* 62(1): e005

DAVIS, Bob; WEI, Lingfeng (2022) **Who Won the U.S.-China Trade War?** *The Wall Street Journal* Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/who-won-the-u-s-china-trade-war-11653059611>> Acesso em 13 de junho de 2022

FUHUA, Huang. **The Routledge Handbook of Sport in Asia**. Routledge. 579-583. (VER COMO CITAR Fan Hong and Lu Zhouxiang)

GILL, Bates; HUANG, Yanzhong (2006) **Sources and limits of Chinese 'soft power', Survival: Global Politics and Strategy**, 48:2, 17-36.

HUNG, Ho-fung (2018) **A ascensão da China, a Ásia e o Sul Global** *Revista de Economia Contemporânea* 22(1): p. 1-26

HAN, Yang; PAN, Mengqi (2019) **Confucius Institute bridges global language barrier**. *China Daily* Disponível em: <<https://www.chinadaily.com.cn/a/201909/23/WS5d87c0fda310cf3e3556ccbe.html>> Acesso em 21 de outubro de 2022

HEISLER, Mark (1991), "Uncommon marketing", *Los Angeles Times*, October 18, p. C1.

JINPING, Xi (2014) "China to promote cultural soft power." *China Daily*, January 1, http://usa.chinadaily.com.cn/china/2014-01/01/content_17208365.htm

KISSINGER, Henry (2011) **On China**, 24

KIVIMAKI, Timo (2014) **Soft Power and Global Governance with Chinese Characteristics**. *The Chinese Journal of International Politics*, 1–27

McCaul, Cuellar **Send Letter to Texas Universities Hosting Confucius Institutes** Disponível em: <<https://mccaul.house.gov/media-center/press-releases/mccaul-cuellar-send-letter-to-texas-universities-hosting-confucius>: Acesso em: 01 de novembro de 2022

MINGJIANG, Li (2008) **China Debates Soft Power**, *The Chinese Journal of International Politics*, Volume 2, Issue 2, Winter 2008, Pages 287–308.

MOHANTY, Manoranjan (2013) **Xi Jinping and the 'Chinese Dream'**. Vol. 48, No. 38, pp. 34-40

NBA "LEGENDS PROFILE: MICHAEL JORDAN" Disponível em: <<https://www.nba.com/news/history-nba-legend-michael-jordan> > Acesso em: 02 de novembro de 2022

NYE, Joseph (2005) **Soft Power, The Means to Success in World Politics. Public Affairs. Cap 1.**

NYE, Joseph (2005), “**The rise of China’s soft power**”, **The Wall Street Journal Asia, December 29** Disponível em: < <https://www.wsj.com/articles/SB113580867242333272>> Acesso em: 26 de outubro de 2022

PEI, Minxin (2018) **China in Xi’s “New Era”, A Play for Global Leadership. Journal of Democracy, Volume 29, Number 2, April 2018, pp. 37-51**

POH, Angela; LI, Mingjiang (2017) **A China in transition: The rhetoric and substance of Chinese foreign policy under Xi Jinping. Asian Security, v. 13, n. 2, p. 84-97**

PU, Haozhou (2016) **Mediating the giants: Yao Ming, NBA and the cultural politics of Sino-American relations, Asia Pacific Journal of Sport and Social Science**

PU, Xiaoyu; WANG, Chengli (2018) **Rethinking China's rise: Chinese scholars debate strategic overstretch. International Affairs, v. 94, n. 5, p. 1019-1035.**

PU, Xiaoyu. **2019. Rebranding China: Contested status signaling in the changing global order. Cap. 3, “China on the World Stage”, p. 34–50.**

REN, Zhe (2012) **The Confucius Institutes and China’s Soft Power. Institute of Developing Economies. IDE DISCUSSION PAPER No. 330**

RUBIO, Marco (2018) **“I write with regards to growing foreign influence operations of the People’s Republic of China (PRC)...” Marco Rubio US Senator for Florida.** Disponível em < https://www.rubio.senate.gov/public/_cache/files/34f01f9b-a642-4078-af7e-32536bfe7c25/7AA114B69F9469BFEBD47B5F71D65072.final-approved-letter-text-to-fl-universities.pdf> Acesso em: 01 de novembro de 2022

SAHLINS, Marshall (2013) **China U; The Nation.** Disponível em: < <https://www.thenation.com/article/archive/china-u/> > Acesso em: 22 de outubro de 2022.

SAHLINS, Marshall (2014) **Confucius Institutes: Academic Malware; Prickly Paradigm. Introdução.**

SIGOLI, A. M., DE ROSE, D. (2004). **A história do uso político do esporte.** Revista Ponto de Vista. EEFUSP.

“Total number of Confucius Institutes and Confucius Classrooms worldwide from 2013 to 2018”, Statista. Disponível em < <https://www.statista.com/statistics/879340/china->

confucius-institutes-and-confucius-classrooms-worldwide/ > Acesso em: 22 de outubro de 2022

WANG, Hongying; LU, Yeh-Chung (2008) **The Conception of Soft Power and its Policy Implications: a comparative study of China and Taiwan. Journal of Contemporary China, 17:56, 425-447**

“Welcome to the Office of China Affairs”, **Universidade de Maryland**. Disponível em < <https://globalmaryland.umd.edu/offices/china/welcome> > Acesso em: 21 de outubro de 2022

“What is Hanban?”, **Universidade de Valencia**. Disponível em < <https://www.uv.es/uvweb/confucius-institute-uv/en/hanban/what-is-hanban-1285919278085.html> > Acesso em: 21 de outubro de 2022

WINDHORST, Brian. **All-Star vote FAQ: Did the NBA's new format get things right? Disponível em: <<https://www.espn.com/espn/sportsbusiness/news/story?id=1972432>> Acesso em: 31 de outubro de 2022**

Xiao. (2017) **The development of NBA in China: a glocalization perspective; International Journal of Sports Marketing and Sponsorship, Vol. 18 No. 1, pp. 81-94**

XUETONG, Yan (2011) “**How China Can Defeat America**”, **New York Times**. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2011/11/21/opinion/how-china-can-defeat-america.html>> Acesso em: 16 de agosto de 2022

YANG, Rui (2010) **Soft power and higher education: an examination of China’s Confucius Institutes, Globalization, Societies and Education, 8:2, 235-245,**

ZHANG, Guozuo (2017) **Research Outline for China’s Cultural Soft Power; Research Series on the Chinese Dream and China’s Development Path. Cap 2,3 e 4.**

ZHOU, Liangjun; WANG, Junqi; CHEN, Xiaoying; LEI, Chundong; ZHANG, James; MENG,